

DO EXÍLIO, COSMOPOLITISMO  
E LIBERTAÇÃO. A PROPÓSITO  
DE GALIN TIHANOV

TIHANOV, Galin. *Narrativas do Exílio. Cosmopolitismo além da imaginação liberal*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

Um dos fenômenos sociais que se tornaram fulcrais para os estudos de crítica literária e literatura comparada é a condição dual do exílio, imprescindível para a compreensão de uma sociedade globalizada. Através de quatro artigos, Galin Tihanov, professor de Literatura comparada na *University of London*, apresenta algumas conclusões do seu mais recente interesse acerca das consequências literárias e culturais da migração, neste caso, no período de entre-guerras. *Narrativas do Exílio: Cosmopolitismo além da imaginação liberal* (2013) recorre esta vertente a partir, primeiramente, de uma proposta analítica sobre a vinculação entre o exílio e o cosmopolitismo e, posteriormente, examina estes conceitos ultrapassando as conotações socio-históricas tradicionais. Embora esta análise seja a sua prioridade, Tihanov também dedica atenção ao percurso da criação e crítica literárias emergentes no estrangeiro dos emigrados russos e soviéticos. *Narrativas do Exílio: cosmopolitismo*

*além da imaginação liberal* concilia as dicotomias da matéria que descreve. Volta sobre o trajeto sinuoso que os exiliados literários tomaram noutrora; interroga os seus cimentos e os reconstitui testemunhando a necessidade de uma historiografia profunda na teoria e crítica literárias deste contexto.

No início do séc. xx, a literatura dos emigrados russos focou na missão da cultura emigrada. Em «Teoria e Crítica Literárias de Emigrados russos entre as duas Guerras Mundiais», Tihanov opta por uma reconstrução da polémica em torno da produção de autores emigrados, e da produção e cânone mais adequado da denominada «Literatura Jovem». O autor identifica a rivalidade e o desentendimento pessoal como prisma com o qual foram desenvolvidas tais polémicas e, para mostrá-lo apresenta uma abordagem introdutória que, por sua vez, começa por colocar sobre a mesa os desafios de estabelecer uma diretriz na produção crítica e teórica literária dos emigrados.

Em primeiro lugar, a carência de informação sobre as relações entre a sua obra e as culturas dos países anfitriões. Em seguida, a repercussão dessa interação na literatura e na crítica –por sua vez relacionada com o desenvolvimento político e cultural da Rússia soviética–. Em terceiro lugar, o impacto da literatura e crítica dos emigrados na Rússia e na União Soviética, e, por último, o modo de funcionamento da crítica entre emigrados além da diversidade nas dinâmicas e trajetórias da crítica e teoria literárias.

Depois da deficiência na tentativa de compor um discurso mais ou menos consolidado, Georgii Adamovich –poeta, tradutor e crítico literário– procura no ato criativo a verdadeira missão dos críticos-escritores e se afastarem de recuperações meramente resenhadas, mediadas pela intervenção de interesses interpessoais e políticos. Simultaneamente, a crítica, desligada da valorização estética da literatura, procurava um espaço no qual se aficar sob pressão de uma subjetividade forçada que influenciou a nova geração emergente de escritores.

Assim, esta nova geração, «a geração despercebida» –expressão de Vladimir Varshavskii– enfrentava-se à sensação de abandono e isolamento por parte da cultura do país de origem e do país de acolhimento. A «vida interna» –termo de Tihanov– torna-se a ênfase da nova criação socialmente comprometida, isto é, desviando-se das limitações de pertencer a um grupo isolado e expandir a sua produção além das fronteiras da sua própria circunstância.

O surgimento de um novo cânone, modernista, europeu e de caráter expansivo e expansível, incluía um dinamismo multicultural metropolitano, viável para a propulsão de novas abordagens.

Em «Narrativas do Exílio: cosmopolitismo além da imaginação liberal» (artigo que dá nome ao livro), o autor procura uma «ferramenta metodológica» que permita esclarecer as ruturas marcadas pelo período de transição. Com este propósito, Tihanov leva-nos ao percurso da denotação de «Exílio» como uma condição aflitiva mas que

impulsiona criatividade e constrói atitudes cosmopolitas.

Mas «o que significa estar no exílio?» (76); o autor recorre às observações de Hannah Arendt –*Onde estamos quando pensamos?* (1978)– e Paul Virilio –*Onde estamos quando viajamos?* (1978)– a fim de destacar a desterritorialização à qual o exílio se circunscreve, a ambivalência de estar mas não pertencer. Produto desse caráter dicotómico é o desenvolvimento das atividades transfronteiriças de formalistas russos como Roman Jakobson, Viktor Shklovsky, Pyotr Bogatyrev, Nikolai Trubetzkoy, Yuri Tynianov, e, posteriormente, o impulso para reedificação da Sociedade para o Estudo da linguagem poética (Opojaz). Dois dos resultados originários do intercâmbio de ideias entre metropolitanos e emigrados foram: 1) a tese «Problemas no Estudo da Literatura e Linguagem» (Jakobson e Tynianov), e 2) a poliglossia do Círculo Linguístico de Praga. De acordo com Tihanov, era preciso ter em conta o papel do movimento migratório permitindo a constituição da teoria literária moderna da Europa Central e Oriental no período entre-guerras.

O distanciamento do lugar de origem e a possibilidade de enfrentar um novo contexto, onde os sistemas culturais e de comunicação diferem, provocam a revalorização tanto da língua e cultura maternas como do exercício da escrita plurilingue. Corroborando o anterior é representativa a diversidade de abordagens e a tentativa de divulgação das suas hipóteses. Perceber o exílio como uma

condição propícia para a criatividade permite também posicioná-lo como elemento na configuração da literatura comparada moderna<sup>1</sup>.

Contudo, além da criatividade existe também o sofrimento associado à insegurança social e política, representado por autores de esquerda como Ervin Sinkó, Georg Lukács ou Aleksander Wat. Os contrastes do período, as dificuldades de se estabelecer em Moscovo, a falta de compreensão e a impossibilidade de interpretação do seu entorno, tornaram a aspiração de liberdade um mero fantasma.

Tihanov encontra a vinculação entre ambas as narrativas –o exílio como criatividade e o exílio como aflição, no discurso romântico, configurado com uma perspectiva introspectiva e nacionalista, que permite a identificação do exiliado com esse discurso, reforçando-o. Deste modo, e para superar o véu pós-romântico na procura de uma conceção mais adequada para a nossa contemporaneidade, Tihanov propõe «des-romantizar» o exílio diminuindo a sua excecionalidade. Ao construir o exílio sob um nacionalismo disfarçado pela criatividade e/ou aflição, é possível «des-liberalizá-lo» e dotá-lo não só de transnacionalidade mas também de um cosmopolitismo favorável à mundialização do séc. XXI.

Do mesmo modo, no artigo seguinte, «Cosmopolitismo no panorama discursivo da modernidade: duas

1. «Moderna», no sentido de ter ultrapassado «o modelo novecentista» para se encaminhar a objetos de análise supranacionais.

articulações do Iluminismo», o autor ultrapassa o preconceito de nacionalismo vs. cosmopolitismo ao perceber uma relação simbiótica que sustenta de maneira legítima e genuína a recalibração da *polis*. Com este propósito, Tihanov procura, por um lado, delimitar os espaços nos quais foi configurado o conceito de cosmopolitismo e, por outro lado, definir a trajetória na edificação do discurso cosmopolita. Assim, destaca a postura e aportações de Immanuel Kant: o seu desapego do Eurocentrismo, a sua inclinação –nada superficial– pela literatura de viagem como fonte de abertura ao mundo e, conseqüentemente, a defesa do princípio da hospitalidade universal, estimulando as inter-relações entre os indivíduos e o Estado em prol do estabelecimento de uma «ordem mundial cosmopolita».

Voltando ao âmbito literário, Tihanov reflexiona sobre a «literatura mundial» e a literatura comparada, conceito e disciplina que consideram a literatura como um recurso para refletir sobre o cosmopolitismo como contributo para a sociedade. O autor assinala dois momentos concretos: 1) a identificação do cosmopolitismo nas grandes obras literárias que transcenderam as suas fronteiras espaço-culturais e 2) a conjuntura no surgimento do *cosmopolitisme littéraire* com um crescente interesse do nacionalismo alemão de se explicar a partir da cultura francesa. Do anterior podemos deduzir que os fatores que possibilitaram a ampliação do repertório literário, a conceptualização de «literatura mundial» no panorama globalizado e a inserção do

cosmopolitismo como característica distintiva da modernidade em movimento foram a deslocação, o reajuste e a superação do nacionalismo como noção fechada e limitante.

Finalmente, «Cosmopolitas sem uma Pólis: para uma hermenêutica da experiência exílica *East-East* (1929-1945)», refere um caso concreto: a «experiência exílica *East-East*» que compreende o conjunto de acontecimentos e posturas experimentadas pelos intelectuais esquerdistas da Europa Central e Oriental na União Soviética.

Anos antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, «Cosmopolitismo» passou a ser associado ao anti-semitismo. Os autores que levaram para Moscovo o seu multiculturalismo (Luckács, Wat, Balazs, Sinko) optaram pelo exílio, apesar da insegurança política e enfrentando uma nova instabilidade nos códigos culturais. Os exiliados, influenciados pelo cosmopolitismo encararam a incerteza e a frustração de não poder pertencer.

Desafortunadamente e segundo relata Tihanov, esta não foi a única nem a última das renúncias. Os autores e outros intelectuais emigrados que conseguiram voltar aos seus países de origem com a vontade de retomar as suas vidas encontraram vários impedimentos no exercício das suas carreiras. A Segunda Guerra Mundial obstaculizou e obrigou a reelaborar formas de vida em todos os níveis possíveis. Os exiliados, apesar do seu movimento e da sua abertura a outras culturas, não foram exceção.

Nas margens da generalidade, o emigrado forma parte de dois

territórios sem pertencer inteiramente a um em particular. No país anfitrião e com o selo do país de origem, o emigrado posiciona-se como agente cultural capaz de manter um olhar, se não inteiramente objetivo, seguramente condicionado pelo entorno: a condição de forâneo isenta-o da obrigação de se cingir essencialmente a parâmetros locais. Porém, o país de origem torna-se um Outro exterior mais atraente aos olhos do agente, seja escritor, crítico ou ambos; um Outro que, por sua vez, é mostrado e configurado num território estrangeiro através e dentro de dito agente.

*Narrativas do exílio: Cosmopolitismo além da imaginação liberal* convida-nos a ultrapassar aquelas noções que têm sido interpretadas nos limites das circunstâncias históricas que, ou lhe deram origem ou propagaram a sua resinificação. O exílio, não como um mero estado de deslocamento mas como uma posição de vantagem propícia para a reflexão sobre o lugar de origem mas também como forma de integração na cultura «viva» do momento no lugar de residência. O nacionalismo, cada vez mais longe de funcionar como um discurso fechado, na virtude de contemplá-lo como processo e parte de um cosmopolitismo que se tenta resgatar. E, finalmente, o cosmopolitismo, não como uma categoria liberal mas como reflexo e passo em direção à libertação.

Mitzi Eunice MARTÍNEZ GUERRERO  
*Universidad de Santiago  
de Compostela*  
*mitzi.e.m.guerrero@gmail.com*